

Levantamento Florístico do Componente Arbóreo de duas Áreas de Cerradão em Campo Grande-MS, Brasil

Flávio Macedo Alves¹, Douglas Keiti Noguchi², Luis Eduardo Azevedo Marques Lescano², Wellington Matsumoto Ramos² e Ângela Lúcia Bagnatori Sartori³

Introdução

O Cerrado brasileiro é considerado o segundo maior bioma da América do Sul com cerca de 2 milhões de km², representando cerca de 23% do território brasileiro [1]. Reuni a mais importante flora savânica dos Neotrópicos e apresenta grande diversidade fitofisionômica e florística em seu domínios [2].

Entre as mais ricas savanas do mundo, a flora do Cerrado brasileiro conta com 6.420 espécies vasculares [3]. Por esta razão, o bioma é de extrema importância para a conservação da biodiversidade mundial [4] e necessita de levantamentos de diversidade e riqueza da flora para subsidiar os inventários [5].

Porém, hoje representa somente cerca de 35% da área original intacta [6] sendo que a maior parte encontra-se modificada por atividades antrópicas, como agropecuária e extrativismo vegetal. Desse modo, o conhecimento da biodiversidade local é indispensável para a tomada de decisões sobre ações de manejo para fins de conservação.

Considerando que no Mato Grosso do Sul o Cerrado é a formação vegetacional predominante, que o Estado ainda hoje conta com um dos mais baixos índices de coleta e consequentemente com uma flora a ser estudada nos seus mais diversos aspectos, o presente trabalho objetivou efetuar levantamentos florísticos e análise de similaridade entre duas áreas de cerradão no Município de Campo Grande, MS.

Material e métodos

O trabalho foi realizado no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em duas áreas de Cerradão, classificadas de acordo com [7]. A área um (20° 30' 32" S e 54° 36' 55" W) está localizada na Reserva Particular do Patrimônio Natural dentro do *Campus* de Campo Grande da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (RPPN-UFMS), e a área dois (20° 33' 48" S e 54° 35' 22" W), às margens da BR-163, que liga Campo Grande à Nova Alvorada do Sul.

Para a amostragem foram feitos dois transectos de 150 x 10m, totalizando 1500 m² para cada área, sendo que todas as espécies de árvores observadas foram catalogadas. Foram incluídos na amostragem, indivíduos com diâmetro a altura do peito (DAP) maior ou igual a 5cm. Para a identificação das espécies, foram consultadas bibliografias especializadas além de comparação com material do herbário CGMS, Campo Grande. A

similaridade florística entre as áreas foi calculada de acordo com o Índice de Jaccard.

Resultados e Discussão

Foram identificadas 49 espécies, subordinadas a 39 gêneros e 25 famílias em ambas as áreas (Tabela 1). Leguminosae e Vochysiaceae com sete espécies foram as famílias de maior riqueza, seguida de Annonaceae com quatro e Anacardiaceae com três. Nos levantamentos florísticos realizados em Cerradão por Costa & Araújo [8], Gomes *et al.* [9] e Cerrado *sensu stricto* por Silva *et al.* [10], Leguminosae e Vochysiaceae foram apontadas como famílias de maior riqueza. Segundo Felfili *et al.* [11], essas famílias apresentam alto índice de valor de importância (IVI), explicado pelo fato de suas espécies serem alumínio-acumuladoras, o que resulta em uma vantagem para estabelecer-se em solos ricos em alumínio, como os do Cerrado.

Os gêneros mais ricos nesse levantamento foram *Qualea* Aubl. e *Byrsonima* Rich. ex Kunth com três espécies cada, seguidos de *Alibertia* A. Rich. ex DC. e *Annona* L. com duas espécies. *Qualea grandiflora* Mart., *Q. parviflora* Mart., *Dimorphandra mollis* Benth, *Kielmeyera coriacea* Mart. & Zucc. e *Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore foram encontradas nesse levantamento e estão entre as espécies mais amplamente distribuídas no Cerrado.

O coeficiente de similaridade de Jaccard, encontrado entre as duas áreas foi de 36 %, sendo que 20 espécies foram encontradas somente na área um, enquanto nove são exclusivas para a área 2 (Tabela 1). Esse resultado pode indicar estrutura do solo distinta entre as duas áreas, resultando em composição florística diferente entre elas. Segundo Ratter *et al.* [12], a estrutura vegetal da comunidade do cerradão pode variar em decorrência do tipo de solo.

Referências

- [1] RATTER, J.A.; Bridgewater, S. & Ribeiro J.F. 2003. Analysis of the floristic composition of the Brazilian cerrado vegetation III: comparison of the woody vegetation of 376 areas. *Edinburgh Journal of Botany* 60 (1): 57-109.
- [2] SARMITENTO, G. 1983. The savannas of tropical America. In: Tropical savannas. *Ecosystems of the world*. 13 (F. Boulière, ed.). Elsevier Science Publishers, New York, p.245-288.
- [3] MENDONÇA, R.C.; FELFILI, J.M.; WALTER, B.M.T.; SILVA JÚNIOR, M.C.; REZENDE, A.V.; FILGUEIRAS, T.S. & NOGUEIRA, P.E. 1998. Flora vascular do cerrado. In: S. SANO & S.P. ALMEIDA (Eds.) *Cerrado: ambiente e flora*. Embrapa-

1. Aluno de Mestrado em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Cidade Universitária s/n, caixa postal 549, Laboratório de Botânica, Campo Grande-MS, CEP 79070-900, E-mail: flaurace@yahoo.com.br

2. Aluno de graduação-UFMS.

3. Docente adjunto do Departamento de Biologia e Mestrado em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

- CPAC. Planaltina, DF. Pp. 287-556.
- [4] BRASIL. 2002. *Biodiversidade Brasileira: Avaliação e Identificação de Áreas e Ações prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira*. Brasília: MMA/SBF, 404p.
- [5] BARBOSA, M.R.V. & PEIXOTO, A.L. 2003. Coleções botânicas brasileiras: situação atual e perspectivas. In: PEIXOTO, A.L. (org.). *Coleções biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade*. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. p.113-125.
- [6] RATTER, J.A.; BRIDGEWATER, S. & RIBEIRO J.F. 2004. Biogeographic patterns, β -diversity and dominance in the cerrado biome of Brazil. *Biodiversity and Conservation*. 13: 2295-2318.
- [7] COUTINHO, L. M. 1978. O conceito de Cerrado. *Revista Brasileira de Botânica* 1: 17-23.
- [8] COSTA, A.A. & ARAÚJO, G.M. 2001. Comparação da vegetação arbórea de cerradão e cerrado na Reserva do Panga, Uberlândia, Minas Gerais. *Acta Botanica Brasílica* 15(1): 63-72.
- [9] GOMES, B.R., MARTINS, F. & TAMASHIRO, J. 2004. Estrutura do cerradão e da transição entre cerradão e floresta paludícola num fragmento da International Paper do Brasil Ltda., em Brotas, SP. *Revista Brasileira de Botânica* 27:249-262.
- [10] SILVA, L.O.; COSTA D.A.; FILHO K.E.S.; FERREIRA, H.D. & BRANDÃO, D. 2002. Levantamento florístico e fitossociológico de duas áreas de cerrado sensu strictus no parque estadual da Serra de Caldas Novas, Goiás. *Acta Botânica Brasílica*. 16 (1): 43-53.
- [11] FELFILI, J.N.; SILVA JR., M.C; REZENDE, A.V.; MACHADO, B.W.T.; SILVA, P.E.N. & HAY, J.D. 1993. Análise comparativa da florística e fitossociologia da vegetação arbórea do cerrado sensu stricto na Chapada Pratinha, Brasil. *Acta Botânica Brasílica* 6(2): 27-46.
- [12] RATTER, J. A.; ASKEW, G. P.; MONTGOMERY, R. F. & GIFFORD, D. R. 1977. Observações adicionais sobre o Cerradão de solos mesotróficos no Brasil Central. In: Ferri, M. (Coord.). *IV Simpósio sobre o Cerrado - bases para utilização agropecuária*. EDUSP, São Paulo, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte.

Tabela 1. Lista das espécies da área 1 (RPPN-UFMS) e 2 (BR-163, Campo Grande-Nova Alvorada do Sul).

FAMÍLIA	ESPÉCIES	Área 1	Área 2
ANACARDIACEAE	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	X	
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	X	
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.	X	
ANNONACEAE	<i>Annona coriacea</i> Mart.	X	X
	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	X	
	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	X	X
APOCYNACEAE	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.)Woodson	X	
	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.		X
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	X	
BIGNONIACEAE		X	
CARYOCARACEAE	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	X	X
CLUSIACEAE	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	X	
COMBRETACEAE	<i>Terminalia argentea</i> Mart. et. Succ.	X	
	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler		X
CONNARACEAE	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	X	
	<i>Connarus</i> sp.		X
DILLENIACEAE	<i>Curatella americana</i> L.	X	X
EBENACEAE	<i>Diospyros</i> sp.	X	
ERYTHROXYLACEAE	<i>Erythroxylum</i> sp.	X	X
EUPHORBIACEAE	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.		X
	<i>Pera obovata</i> (Klotzsch) Baill		X
FABACEAE	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	X	X
	<i>Andira</i> sp.	X	
	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.		X
	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	X	X
	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	X	X
	<i>Diptychandra</i> sp.	X	
	<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	X	X

FLACOURTIACEAE	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	X	X
	<i>Casearia</i> sp.		X
LAURACEAE	<i>Aiouea trinervis</i> Meisn.	X	
MALPIGHIACEAE	<i>Byrsonima basiloba</i> A. Juss.	X	X
	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth		X
MELASTOMATACEAE	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	X	X
MYRSINACEAE	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	X	X
MYRTACEAE	<i>Myrcia</i> sp.		X
RUBIACEAE	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	X	X
	<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) K. Schum.	X	X
SAPINDACEAE	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	X	
	<i>Sp.</i>	X	
SAPOTACEAE	<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.	X	
SIMAROUBACEAE	<i>Simarouba versicolor</i> A. St.-Hil.		X
STYRACACEAE	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees & Mart.	X	X
VOCHYSIACEAE	<i>Callisthene majos</i> Mart.	X	
	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	X	X
	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	X	X
	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	X	X
	<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil.	X	
	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	X	
	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.		X